



7 • Correio Braziliense — Brasília, segunda-feira, 20 de junho de 2022

Bolsas Na sexta-feira	Pontuação B3 Ibovespa nos últimos dias	Salário mínimo	Dólar Últimas cotações (em R\$)	Euro Comercial, venda na sexta-feira	Capital de giro Na sexta-feira	CDB Prefixado 30 dias (ao ano)	Inflação IPCA do IBGE (em %)
2,9% São Paulo	0,13% Nova York	R\$ 1.212	Na sexta-feira R\$ 5,144 (+2,35%)	R\$ 5,400	6,76%	13,15%	Janeiro/2022 0,54 Fevereiro/2022 1,01 Março/2022 1,62 Abril/2022 1,06 Maio/2022 0,47
	102.598 13/6 14/6 15/6 17/6		10/junho 4,988 13/junho 5,115 14/junho 5,134 15/junho 5,026				

INVESTIMENTOS

Renda fixa cada vez mais atrativa

Alta da taxa básica de juros (Selic) aumenta rendimento das aplicações com retorno pré-definido, num cenário em que a Bolsa amarga prejuízos, em meio a incertezas econômicas e políticas

» ROSANA HESSEL

O Banco Central elevou a taxa básica da economia (Selic) pela 11ª vez consecutiva, em meio a um cenário de pressões inflacionárias persistentes, tanto no Brasil quanto no exterior. Na última quarta-feira, o Comitê de Política Monetária (Copom) reajustou a Selic de 12,75% para 13,25% ao ano e, em comunicado, informou que um aumento de igual ou menor intensidade será feito na próxima reunião, em agosto. Contudo, não sinalizou quando vai conseguir parar, de fato, o ciclo de alta iniciado em março de 2021 devido, em grande parte, às incertezas e à piora no quadro fiscal.

Com a perspectiva de que a Selic continuará subindo, podendo até ficar entre 14% e 15% ao ano em algumas previsões de analistas, os financiamentos ficam mais caros e o Brasil se mantém no topo dos rankings de empréstimos mais caros do mundo. Já os investimentos em renda fixa estão mais atrativos, especialmente para quem não quer correr riscos em um ano tipicamente turbulento, devido às eleições.



Cada vez que a taxa básica aumenta, a vantagem dos fundos de renda fixa indexados à Selic sobre a poupança é maior. E, daqui para frente, a poupança perde na maioria das situações”

Miguel Ribeiro de Oliveira,
diretor executivo da Anefac

Renda fixa inclui investimentos em certificados de depósito bancário (CDB), letras de crédito imobiliário (LCI), letras de crédito do agronegócio (LCA) e títulos públicos do Tesouro Direto. Vale lembrar que taxas de juros anuais acima de 10% chegam praticamente a dobrar o valor do ativo em um prazo de seis a sete anos. Em

um comparativo dos principais investimentos do mercado, feito pela Economatica a pedido do **Correio**, o CDI — referência para as aplicações de renda fixa, que acompanha a taxa Selic — acumula alta de 4,90% desde janeiro, uma das melhores rentabilidades no ano, junto ao indicador da média de retorno dos títulos do Tesouro Nacional indexados à inflação.

Enquanto isso, as criptomoedas e a Bolsa amargam prejuízos. A Bitcoin, por exemplo, acumula perdas de 60%. Já a Bolsa de Valores de São Paulo (B3) registra queda de 4,76% de janeiro até a última sexta-feira.

Analistas avaliam que a tendência é de migração para a renda fixa, que tem menos risco e retorno cada vez maior neste ano cheio de incertezas econômicas e políticas. “Cada vez que a Selic aumenta, a vantagem dos fundos de renda fixa indexados à Selic sobre a poupança é maior. E, daqui para frente, a poupança perde na maioria das situações, mas, se a Selic chegar a 15% ao ano, a poupança perderá em todas as situações”, afirma o economista Miguel Ribeiro de Oliveira, diretor executivo da Associação Nacional dos Executivos de Finanças Administração e Contabilidade (Anefac). Pelos cálculos de Oliveira,

atualmente, com a Selic a 13,25% anuais, a caderneta só é vantajosa frente aos fundos se a taxa de administração ficar abaixo de 2,50% ao ano e se os investimentos tiverem prazo de resgate acima de um ano. É preciso não esquecer do Imposto de Renda na comparação. O tributo não incide sobre a poupança e, nas aplicações de renda fixa, a alíquota do IR varia. Ela é maior quando o prazo do resgate é menor, de 22,5% nas aplicações de até seis meses, e cai para 15% nas de mais de dois anos.

“A renda fixa é o porto seguro no momento e pode ser um bom investimento a curto e médio prazos, porque tem menos riscos. Mas, como a tendência é de queda na Selic a partir do ano que vem, é preciso que o investidor também fique atento e não deposite todos os ovos em uma única cesta. Ele pode encontrar boas oportunidades na Bolsa se não estiver preocupado com ganhos a curto prazo”, orienta o economista Ricardo Rocha, professor do Insper. Ele reconhece que, co-

mo a maioria dos bancos centrais está aumentando juros, a expectativa é de que a queda nas bolsas seja prolongada, pois há uma correção na maioria dos preços dos ativos, que ficaram supervalorizados durante a pandemia e com o cenário de juros negativos nas economias desenvolvidas.

“As bolsas estão em queda aqui e lá fora, mas é possível encontrar ações baratas de empresas rentáveis, que podem trazer em ganhos para o investidor a médio e longo prazos. Mas, para isso, quem não tem a habilidade para ficar olhando diariamente o mercado de ações precisa de ajuda de especialistas para procurar essas oportunidades”, orienta Rocha.

O professor do Insper recomenda ao investidor não comprometer a maior parte das aplicações na Bolsa, por conta do risco elevado, especialmente agora. Ele ainda sugere fugir das redes sociais e evitar conselhos dos chamados “influencers” digitais. “É importante buscar sempre analistas financeiros credenciados. Eles sabem do que estão falando”, frisa.

Como a Selic ainda deverá continuar subindo neste ano por conta das pressões inflacionárias, a renda fixa continuará atrativa até o ano que vem, lembram especialistas. Por isso, aproveitar o momento e contratar uma taxa acima de 14% ao ano nas aplicações, diante da perspectiva de a Selic voltar para 10% no fim de 2023, será certamente um bom negócio. “Já existem fundos e CDBs pagando 16% a 17% ao ano e, independentemente do resultado das eleições, no ano que vem, a inflação vai cair e os juros também. Quem contratar as taxas atuais, vai ter um ganho significativo nos próximos anos”, afirma Rocha.

Fugindo do risco

Após o Banco Central elevar a taxa básica da economia (Selic) para 13,25% ao ano, aplicações na renda fixa ficam ainda mais atrativas para o investidor. Veja o comparativo de alguns investimentos selecionados

Aplicação	Taxa acumulada em 2022 (Em %)	Data da última cotação
IMA-B* total	5,15	15/6
CDI**	4,90	15/6
Poupança	3,58	30/6
Ind. Fundos Imobiliários	-0,01	15/6
Ibovespa	-4,76	17/6
Dólar Plax Venda	-8,40	15/6
Ouro	-10,61	15/6
Euro	-15,96	15/6
BDRx***	-29,92	15/6
Bitcoin	-60,00	16/6

Obs.:

* IMA-B é o indicador de Anbima que acompanha o desempenho de uma categoria de índices seguindo a carteira de títulos públicos atrelados ao IPCA (NTN-B ou Tesouro IPCA+ com Juros Semestrais)

** Certificado de Depósito Interbancário (CDI) é o principal termômetro para os investimentos em renda fixa, que tem taxa próxima à da Selic.

*** BDRx — Índice que mide o desempenho médio das cotações de uma carteira de Brazilian Depository Receipt (BDR) não patrocinados, autorizados à negociação na B3.



Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Para Ricardo Rocha, renda fixa é o porto seguro do momento, mas também há oportunidades na Bolsa

» Migração

Dados do banco Santander Brasil aos quais o **Correio** teve acesso, revelam que a migração para a renda fixa está a pleno vapor com as constantes altas da taxa básica da economia (Selic). No Distrito Federal, os investidores estão seguindo a tendência verificada em todo o país, e fatia da renda fixa supera a média nacional. De julho de 2021 a março deste ano, a parcela investida nesta modalidade por moradores do DF passou de 38,63% para 40,61%. Na média nacional, a renda fixa representa 39% da carteira de investimentos, segundo o estudo. O levantamento levou em conta os investidores do banco espanhol em todo o país, sem considerar a caderneta de poupança. Arley Júnior, estrategista de Investimentos do Santander Brasil, lembra que, além dos fundos de renda fixa, o investidor também pode diversificar as aplicações buscando fundos multimercados, que combinam rendas fixa e variável.

Inflação pressiona

Conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), que mede a inflação oficial, acumulou alta de 11,73% nos 12 meses encerrados em maio e está bastante disseminado na economia, com taxa de difusão de 72%. E, pelas estimativas de analistas, o custo de vida atingiu o pico do ano em abril, de 12,13%, mas, mesmo com a expectativa de algum impacto no IPCA da redução de tributos com o teto de 17% para o Imposto sobre a Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) sobre combustíveis, não está descartada a possibilidade de o indicador fechar o ano em torno de 10% por conta, principalmente, dos choques cambiais e no barril do petróleo — que poderá chegar a US\$ 150 se a guerra na Ucrânia avançar pelo segundo semestre do ano, segundo algumas estimativas.

Vale lembrar que o teto da meta de inflação passará de 5% neste ano a 4,75% em 2023, e, portanto, o BC precisará continuar elevando a Selic para tentar trazer o IPCA de volta para a meta. Especialistas lembram que a inflação ainda está muito disseminada na economia e deverá ficar acima da meta até 2023, especialmente porque a volta dos impostos que serão reduzidos neste ano ajudarão a colocar mais pressão nos preços.

Meta

“Mesmo com a Selic em 14%, o Banco Central não conseguirá trazer a inflação para baixo do teto da meta neste ano e no próximo. Os indicadores mostram que, mesmo com a mudança dos impostos sobre combustíveis, adiando a cobrança para o ano que vem, o IPCA deverá ficar em torno de 6% em 2023”, alerta Eduardo Velho, economista-chefe da JF Trust Gestora de Recursos. Segundo ele, “a chance de isso ocorrer é alta”, porque o dólar deverá continuar subindo em meio às turbulências internas e externas, e, com o cenário apontando novas altas no dólar e no barril do petróleo, a Petrobras continuará reajustando os combustíveis, a fim de reduzir a defasagem dos preços cobrados no mercado interno e, certamente, isso vai pressionar a inflação.

Com isso, o cenário de corte da Selic deverá ocorrer somente a partir do segundo trimestre de 2023, de acordo com analistas. “A inflação está muito disseminada na cesta como um todo e não são apenas os combustíveis que registram alta de preços. Por isso, estamos falando de inflação acima do teto da meta até o próximo ano. O Banco Central só vai conseguir trazer o IPCA para a meta em 2024”, afirma Arley Júnior, estrategista de Investimentos do Santander Brasil. (RH)